



CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
Cinemateca Júnior
Palácio Foz – Praça dos Restauradores

RIVER OF NO RETURN / 1954
(Rio sem Regresso)

Um filme de **Otto Preminger**

Realização: Otto Preminger / **Argumento:** Frank Fenton, baseado numa novela de Louis Lantz / **Fotografia:** Joseph La Shelle / **Música:** Cyril Mockridge, dirigida por Lionel Newman / **Canções:** "River of no Return", "One Silver Dollar", "I'm going to file my claim", "Down in the meadow", com letras de Ken Darby e música de Lionel Newman / **Direcção Artística:** Lyle Wheeler e Addison Hehr / **Guarda-Roupa:** Charlie Le Maire e Traville / **Interpretação:** Robert Mitchum (Matt Calder), Marilyn Monroe (Kay Weston), Rory Calhoun (Harry Weston), Tommy Rettig (Mark Calder), Murvyn Vye (Dave Colby), Douglas Spencer (Sam Denson), etc.

Produção: Stanley Rubin para a 20th Century Fox / **Cópia:** 35mm, colorida, legendada em espanhol, 90 minutos / **Estreia Mundial:** Hollywood, 23 de Abril de 1954 / **Estreia em Portugal:** Cinema Tivoli a 6 de Junho de 1955 / **Reposição comercial:** na década de 70.



River of No Return, um dos primeiros filmes em *scope*, se tem dito justamente que é o primeiro em que esse formato não se limitou a ser proeza técnica, mas correspondeu a uma proposta estética: o profundo acordo entre a vastidão do *décor* natural e a aventura moral vivida pelos três protagonistas. Desse acordo nasce o filme, com o surpreendente uso da grua para a reinvenção de novos espaços e a portentosa fotografia de La Shelle, aproveitando todas as possibilidades da dimensão do écran. Acordo que existe não apenas nos exteriores, mas desde o início, no fabuloso *saloon*, com a câmara rodando em torno de Marilyn e enquadrando-a em plano americano tanto do lado direito do écran, como na sua ponta esquerda. Truffaut, entusiástico, dizia à época que essa viragem da câmara já nada tinha que ver com uma banal panorâmica (e de facto não tem) e que Preminger e La Shelle haviam inventado um novo processo, o "surto de espetáculo-rei".

Saber, hoje, se **Rio sem Regresso** é de facto o "surto do espetáculo-rei" ou a inauguração de um novo estilo, talvez não interesse já tanto. Depois desta obra, muito mais águas correram e vários outros inventaram mais na "gramática" do *scope* do que Preminger, que talvez lhe tenha lançado os

fundamentos. O maior motivo de interesse desta obra, passados tantos anos, não será certamente esse, embora ele seja indubitável.

Digamos que o mais curioso deste filme tem a ver com a direcção de actores e com o aproveitamento dum par tão insólito como Marilyn e Mitchum (com o miúdo pelo meio). Quem veja o filme, hoje, para ver um filme de Marilyn (e talvez seja essa a principal razão das suas frequentes reposições e do êxito crescente) arrisca-se a ter uma decepção. Passadas as fabulosas sequências iniciais (as tais do "saloon" e do "One Silver Dollar") com Marilyn de encarnado, "lust in the dust of time", prodigiosamente fotografada por La Shelle e quase "marlenizada", o filme centra-se em Mitchum e, ao lado dele, Marilyn vai ficando como que contagiada por tanta indiferença. Esperamos os "tais" planos, o tal mistério e só vemos uma loura bonita, igual a tantas outras que em *westerns* participam em aventuras semelhantes. Só quando fica sozinha com o miúdo ("Mark, porque na Bíblia Mark se segue a Mathew" e Mathew é o nome do pai) Marilyn recupera a sua fragilidade, como na magnífica canção do "Mr. Wind" e do "Mr. Winter".

Erro de *cast* por parte de Preminger, essa junção do *underplaying* de Mitchum à agitação de Marilyn, um desbotando sobre a outra? É possível dizê-lo e quanto mais revejo o filme mais o admiro. Mas também é verdade que há três Marilyns no filme: a tal Marilyn "marlenizada" do início, a mulher de Rory Calhoun que, por acidente, acompanha Mitchum sem saber muito bem porque está ali; e a que surge depois do desmaio, na excelente sequência em que treme de frio, tira as roupas e é massajada por Mitchum. Talvez não seja por acaso que é a seguir a esse momento que Marilyn enche pela primeira vez todo o écran (em fundo negro) e que é depois dessa passagem pela gruta que Mitchum, ao contrário do que dissera, se lembra e não se esquece que ela é uma mulher (sequência dos beijos, com o aparecimento da onça). Marilyn, de quem antes Mitchum dissera "she don't die so easily" (num evidente desacerto) torna-se pouco a pouco na mulher "who gets everybody in trouble" o que é muito mais adequado à sua natureza mítica.

Digamos, resumindo, que Marilyn segue o curso dramático do filme: muito forte no início, algo perdida durante um bom bocado (até os mais premingerianos falam deste filme como dum filme de pausa) e depois começando a existir com maior e maior intensidade, até se tornar no intermediário entre a história antiga do pai e a história nova do filho. Pelo contrário, Mitchum segue a "horizontal" do **River of No Return**, fundindo-se com o *décor* na mesma placidez e na mesma grandeza. Metese no rio, sem se saber se acredita que chegará ao fim ou se, como ele próprio diz, quando Marilyn lho pergunta, a meio da viagem, nunca acreditou que chegassem tão longe. Num certo sentido, os protagonistas são o reflexo da dupla aventura do filme: a aventura moral, com a progressiva tomada de consciência (Marilyn) e a aventura física, com a vitória sobre todos os obstáculos, numa espécie de certeza bíblica (Mitchum). Entre as duas há um miúdo que não perdoa ao pai ele ter morto um homem pelas costas e que repete no final o mesmo acto, entrando a fundo no que uma viagem mantivera e no que uma viagem transformara.

É nesse sentido que o rio de Preminger é sem regresso. Porque o que os olhos vão vendo (os nossos, os de Marilyn e os do miúdo) é como podem ser vastos certos combates e como a força do homem - passe o chavão - pode ser tão indomável como a dos obstáculos físicos que enfrenta.

É nesse sentido que Mitchum ordena o filme, conferindo-lhe sentido físico e sentido moral. A sua inércia não sai aqui vencida, mas vencedora, precisando apenas que "Mark that follows Mathew" repita o gesto que o levara a sete anos de cadeia. Voltamos ao início, com tudo já mudado. Dos espaços diversamente abertos (o *saloon*, a quinta, o rio, a cidade), entrar-se-á no lugar para onde Mitchum leva Marilyn: Home. A imagem paterna, a imagem materna e a imagem filial. A terra, o chão do belíssimo plano final. Estávamos, aliás, num *western*, reino dos arquétipos, da ordem que preside à *mise-en-scène* cinemascópica e secreta deste filme.

JOÃO BÉNARD DA COSTA